

MARCELO SOMMER: UM ESTILISTA NA VERTIGEM

Marcelo Sommer: a fashion designer in vertigem

Montanheiro, Adriana Martinez; MSc. UDESC, nefer_br@hotmail.com¹

Schulte, Neide Köhler; Dr^a. UDESC, neideschulte@gmail.com²

Rosa, Lucas da; Dr. UDESC, darosa.lucas@gmail.com³

Resumo

O artigo aborda o espetáculo teatral chamado “Bom Retiro 958 metros” do grupo teatral Teatro da Vertigem que utilizou as ruas do bairro Bom Retiro em São Paulo como cenário e os figurinos do estilista Marcelo Sommer. O espetáculo retrata a realidade do bairro que é conhecido pela sua tradição na produção de vestuário em larga escala e com custos ínfimos que tem como consequências como o excesso de resíduos, o trabalho escravo e a marginalização do bairro.

Palavras-Chave: teatro; figurino; estilista; resíduos e reutilização.

Abstract

The article discusses the theatrical show called "Bom Retiro 958 meters" the theater group Theatre Vertigo that used the neighborhood of Bom retiro in São Paulo streets as a backdrop and the costumes of the fashion designer Marcelo Sommer. The show how portrays the reality of the neighborhood that is known for its tradition in the production of clothing on a large scale and with negligible costs whose consequences as excess waste, slave labor and marginalization of the neighborhood.

Keywords: theater; costumes; stylist; wast and reuse.

1. Introdução

O estilista Marcelo Sommer iniciou a sua carreira na moda em 1995, participando de diversos eventos de moda, entre eles o São Paulo Fashion Week. Posteriormente, trabalhou no desenvolvimento de produtos para marcas conhecidas, tais como Zoomp, Calvin Klein e Zapping. Foi também editor de moda na revista Trip Brasil, e assinou os figurinos da TV Bandeirantes.

O trabalho do estilista voltado ao social e a sustentabilidade iniciou-se em 1999, quando realizou um desfile no presídio Carandirú, usando como modelos os próprios detentos, chamando este projeto de “Talentos Aprisionados”.

Marcelo Sommer retoma o trabalho de cunho social e sustentável ao criar os figurinos para a Companhia de Teatro da Vertigem, para o espetáculo “Bom Retiro 958 metros”. O referido espetáculo se passa nas ruas do bairro do Bom Retiro, em São Paulo/SP.

¹ Mestre em Teatro pela UDESC. Professora do Departamento de Moda da UDESC.

² Doutora em Design pela PUC-Rio. Professora do Departamento de Moda da UDESC.

³ Doutor em Design pela PUC-Rio. Professor do Departamento de Moda da UDESC.

O bairro do Bom Retiro é conhecido pela sua tradição no ramo de vestuário, que iniciou na década de 30, com a chegada de imigrantes judeus, os quais não possuíam ofício e iam trabalhar nas oficinas têxteis montadas também por judeus, que haviam chegado ao Brasil na década de 20 e já possuíam experiência na área. Outros, que não conseguiam emprego nas oficinas passaram a vender tecidos de porta em porta.

Já na década de 60, chegaram ao bairro do Bom Retiro os imigrantes coreanos, os quais passaram a comprar as lojas e oficinas de confecção dos judeus, aumentando assim a produção têxtil.

O aumento da produção têxtil gerou crescimento para o bairro do Bom Retiro, porém, gerou consequências sociais, uma vez que o bairro gira em torno da produção têxtil a baixo custo. Os principais problemas encontrados nesse cenário são os resíduos, pois como a produção é realizada em grande escala, sobram muitos retalhos e restos de tecidos, e o trabalho análogo ao de escravo, já que os trabalhadores exercem uma jornada exaustiva para atender à demanda do mercado, e são remunerados de forma ínfima, sem contar às condições de trabalho, que nem sempre atendem às exigências legais. Tal situação gera a marginalização do bairro do Bom Retiro.

Buscando dar enfoque a essa realidade foi criado o espetáculo “Bom Retiro 958 metros”, o qual foi apresentado nas ruas do bairro, utilizando como cenário a realidade do local, trazendo o espectador para dentro da obra como integrante ativo na construção da dramaturgia. As cenas se passam em diversos locais do bairro, e vão sendo “costuradas” pelo próprio espectador, como se fossem uma “colcha de retalhos”.

Corroborando com esse objetivo, o estilista Marcelo Sommer cria figurinos sustentáveis, através de retalhos das confecções do próprio bairro, objetivando assim a geração de uma reflexão por parte do espectador quanto às questões que norteiam o espetáculo. Os figurinos desenvolvidos por Sommer colaboram para a construção da dramaturgia do espetáculo.

Na obra “Bom Retiro 958 metros” a relação dos figurinos com o caos visual da rua, com suas inúmeras informações desordenadas, deixa claro que as escolhas realizadas pelo estilista em sua criação, sofreram influências dos elementos que participavam do conjunto visual da cena observado pelo espectador. O direcionamento dado ao figurino neste sentido, poderá se diferenciar de acordo

com as ideias do encenador, podendo funcionar como um elemento de fortalecimento da desordem ou como um elemento de organização visual e neutralidade dentro do espaço.

2. Marcelo Sommer e o Teatro da Vertigem

O trabalho de criação de figurinos para a companhia Teatro da Vertigem de São Paulo foi realizado em 2012, pelo estilista Marcelo Sommer e alunos do curso de Moda do Complexo Educacional FMU, para o espetáculo “Bom Retiro 958 metros”. Sua identidade criadora, ou seja, as características marcantes de sua personalidade, suas memórias e gostos pessoais são refletidas em seu trabalho criativo que é caracterizado pelo universo das cores, das suas relações com a infância, com a rua, com a noite, com a vida urbana e com a cultura *clubber*⁴ de São Paulo e seus símbolos. Essa quebra de paradigmas marca seu trabalho dentro do universo da moda, caracterizando suas criações como símbolos de contestação e liberdade.

Sua parceria com a companhia Teatro da Vertigem uniu-o a representação cênica de vanguarda, fortalecendo em seu trabalho criador a marca da contestação, da consciência dos problemas sociais e a parceria com o universo artístico.

A companhia Teatro da Vertigem insere-se na categoria teatral pós-dramática. De acordo com Silvia Fernandez (2010, p. 48), “enxergasse o pós-dramático pela ausência do drama e pela quebra da ilusão da realidade”. Como observa Fernandez a respeito do Teatro da Vertigem dirigido por Antônio Araújo há dez anos, ele possui “uma trajetória marcada pela investigação do ator, da linguagem e dos limites da cena” (*Ibid.*, p. 61).

Esta companhia teatral propõe em seus espetáculos, segundo Fernandez “a pesquisa coletiva de atores, dramaturgo e encenador em busca de resposta a questões urgentes do país, especialmente das grandes metrópoles brasileiras, dramatiza a insegurança social e a criminalização das questões públicas” (*Ibid.*, p. 61).

O espectador do Teatro da Vertigem experimenta um novo tipo de percepção visual e auditiva, recebendo estímulos impactantes constantes, e com eles interage

⁴Termo em inglês, atribuído a pessoas que frequentam danceterias (os *clubs* em inglês), que foram comuns nos anos 90, ajudou a elevar o *Techno* ao *mainstream*, e a cultura noturna pelas grandes metrópoles. Conhecidos por seus vestuários peculiares e atitudes positivistas.

como um cúmplice com suas emoções trazidas à tona pela cena e pelo contato direto com os atores. A realidade caótica da vida atual é revivida por meio do sofrimento e da agressão vivenciados pelos atores e pelo público com intensidade real que os retira da representação e os insere em uma experiência transgressora.

Como traço do pós-dramático teatral observa-se, de acordo com Fernandez (2010, p. 56), uma “tendência por corpos desviantes pela doença, pela deficiência”, contrária aos ideais de perfeição da sociedade atual de consumo.

Como observa Fernandez a respeito do Teatro da Vertigem:

É uma síntese e uma transformação daquilo que seus antecessores criaram nas últimas décadas. [...] Antunes Filho, José Celso Martinez, Gerald Thomas. O Teatro da Vertigem encara o trabalho teatral como uma investigação constante de procedimentos e temas filtrados das preocupações mais urgentes da atualidade (*Ibid.*, p. 62).

A escolha do estilista Marcelo Sommer pela Companhia para criar os figurinos do espetáculo “Bom Retiro 958 metros” foi feita possivelmente em decorrência da consonância da linguagem urbana paulistana do criador e sua identidade simbólica com questionamentos trazidos à tona pelo espetáculo.

Por outro lado, a escolha de um estilista para criar os trajes de cena para a Companhia, traz à tona questionamentos atuais relacionados ao consumo rápido de produtos de moda produzidos em larga escala por trabalhadores mal remunerados, que trabalham na maioria das vezes em condições precárias, invertendo assim radicalmente o caminho do consumo do bairro do Bom Retiro ao ressaltar a realização dos figurinos da obra com o reaproveitamento de materiais em proposta sustentável e consciente. Na Figura 1, uma das imagens do espetáculo enfatiza o consumo desenfreado de produtos e o acúmulo de lixo produzido.

A retirada do espectador das salas tradicionais de espetáculo e a entrada dos mesmos em espaços urbanos cotidianos ou marginalizados, onde são vivenciadas diferentes perspectivas de pensar, sob olhares singulares, propõe um novo raciocínio a respeito das coisas a nossa volta, fazendo do figurino na cena um dispositivo simbólico carregado de significados que vão muito além do vestir o personagem. A este respeito Fernandez observa que “Araújo criava ambientes distintos, aproveitando as celas, os pátios, corredores, grades, muros e entrada de presídios para organizar uma frenética e aterrorizante movimentação processional, com a interpretação tensa dos atores e sonoplastia agressiva” (*Ibid.*, p. 66).

Figura 1: Cena do espetáculo “Bom Retiro 958 metros”



Fonte: guia.folha.uol.com.br.

De acordo com Fernandez, a privação dos cidadãos que moram na cidade de São Paulo de frequentar com segurança os espaços públicos é tema e conteúdo do teatro que se apropria desses espaços, reativando-os a fim de levar o público a seu encontro e, desta forma, libertá-los de seu aprisionamento e anestesia social.

A saída do teatro das salas teatrais confortáveis e protegidas e a ida do Teatro da Vertigem para a investigação dos espaços urbanos da cidade com seus contrastes caóticos onde o povo se encontra, pretende alterar a realidade urbana modificando o olhar do público sobre a cidade, unindo a arte com as pessoas comuns a fim de levá-las a questionamentos fundamentais para a sociedade.

É uma tentativa de promover a diminuição dos preconceitos sociais e gerar acréscimo de cidadania, imbuídos de pensamentos políticos ao invadir os territórios marcados pela doença, pela fé e exclusão. De acordo com Fernandez, “a cidade tem sido assunto predileto da dramaturgia paulista recente, que tematiza um submundo de marginalizados, prostitutas, policiais corruptos e subempregados envolvidos em tragédias de rua da metrópole” (*Ibid.*, p. 79).

O espetáculo “Bom Retiro 958 metros” aborda o bairro popular do Bom Retiro, incorporando-se, de acordo com (STUQUE, 2012), as outras questões relevantes sobre o bairro, como o consumo, o universo da moda, as relações de trabalho, e os diálogos/tensões entre os diferentes grupos étnicos, realizando um passeio teatral

com seus atores e público por 958 metros das ruas sujas e vazias do bairro, à noite, quando suas portas já estão fechadas e a cidade dorme.

Dentro de vitrines e cruzamentos de ruas, os atores encenam os questionamentos relacionados ao consumo excessivo. Na Figura 2 pode ser verificado o espaço urbano do bairro do Bom Retiro que recebeu o espetáculo do Teatro da Vertigem.

Figura 2: Encenação do espetáculo “Bom Retiro 958 metros” nas ruas do bairro do Bom Retiro



Fonte: www.timeout.com.br

Colocar o espectador junto a cena, aproximando-o da vivência da realidade proposta pelo espetáculo, fazendo-o participar de maneira atuante na confecção dos questionamentos propostos pela obra, é um aspecto atual do teatro contemporâneo. Este espectador nas obras do Teatro da Vertigem não apenas olha de longe as cenas passarem por seus olhos, mas se impregna e se mistura a tudo que acontece, sendo contaminado e amalgamado ao momento presente que vivencia e o distancia da inércia. De acordo com Roubine:

Preocupação comum aos franceses e aos russos: engajar o espectador no ato da representação, quer permitindo o desencadeamento do seu devaneio, quer agindo sobre o seu instinto lúcido. Surge, assim, uma das grandes interrogações do teatro moderno: qual é a relação do espectador de sua não-existência de *voyer* à qual foi reduzido pelo naturalismo, para associá-lo ao trabalho do ator, do diretor e do intérprete, fazer dele “o quarto criador” (ROUBINE, 1998, p.38).

Essa participação ativa do espectador dentro da obra, o coloca em contato direto com os figurinos e demais elementos da cena, possibilitando um contato permanente com os atores e suas caracterizações, por meio da influência direta de tudo que vê. Assim, o figurino amplia seu sentido de caracterização de personagens, na qual o ator é contaminado por seus signos sendo auxiliado por seu traje e acessórios na elaboração de seu personagem e na construção de sua presença cênica, e o espectador vê a si próprio na figura do personagem.

De Raig a Vilar, durante a primeira metade do século XX, haverá um consenso quanto à condenação do espetáculo mimético herdado do naturalismo; e isso por várias razões, entre as quais o fato de que neste tipo de espetáculo o espectador está reduzido à pura passividade intelectual. [...] surge finalmente a afirmação de que é possível um outro modo de relacionar o espectador com o espetáculo, engajando o espectador no grande jogo da imaginação. [...] este desejo de engajar o espectador na realização dramática, até mesmo de comprometê-lo com ela, passou a nortear permanentemente as pesquisas do teatro moderno (*Ibid.* p.39).

Possibilitar ao espectador um mergulho intenso na obra cênica proposta e dessa maneira modificar e ampliar a realidade do pensamento das pessoas, em seus cotidianos mecanizados e em suas atitudes anestesiadas vividas nas grandes cidades, é característica pulsante no trabalho do Teatro da Vertigem.

Na obra “Bom Retiro 958 metros”, de acordo com o jornalista Maria Luísa Barsanelli, a trama foi concebida pelo dramaturgo convidado, o escritor Joca Reiners Terron. Nela, os “personagens e características do bairro, com seu mercado têxtil, suas relações de consumo e seu fluxo migratório, costuram a montagem” (BARSANELLI, 2012, p. 9).

O estilista Marcelo Sommer assina os 60 figurinos desse espetáculo que foram confeccionados por alunos do curso de moda da FMU. Eles retratam a realidade têxtil do bairro, como a manequim quebrada, catadores de lixo, faxineiras noturnas, consumidores ávidos e drogados, bem como as minorias que compõem o bairro criado por judeus e italianos e atualmente habitado por coreanos e bolivianos. Na Figura 3, uma cena do espetáculo “Bom Retiro 958 metros” evidencia questões urbanas e cotidianas relativas ao espetáculo.

De acordo com seu diretor Antônio Araújo, a dramaturgia do espetáculo pode ser comparada com uma colcha de retalhos: “A ideia é que possamos brincar com a ideia de retalhos, no sentido literal da palavra, que o Bom Retiro produz o dia inteiro.

O retalho é um elemento do bairro e a dramaturgia que se constrói é a partir desses retalhos” (ARAÚJO *in* STUQUE, 2012).

Figura 3: Cenas urbanas cotidianas participam do espetáculo



Fonte: vejasp.abril.com.br

Marcelo Sommer se apropriou dos restos de tecidos como se observa na Figura 4, materiais de refugos das inúmeras confecções do bairro do Bom Retiro e por meio deles, desenvolveu os figurinos, em linguagem adequada à proposta do diretor.

Ao criar figurinos cênicos, o estilista de moda está a serviço, nesse caso, não da indústria e do sistema de moda, mas de um diretor ou coreógrafo, fazendo parte de uma equipe criadora que trabalha para uma única obra. A identificação entre os criadores da obra cênica com o trabalho do figurinista contribui para que os resultados almejados sejam alcançados.

Como argumenta Muniz a respeito da relação entre o figurinista e o diretor,

O processo parte da concepção do diretor e da pesquisa e criatividade da figurinista, contando ainda com a inspiração constante dos atores. Eduardo Tolentino relata que, às vezes, os argumentos do figurinista alteram sua ideia inicial, assim como quando o diretor cria um espetáculo mentalmente e isso se modifica depois que o ator propõe uma marca ou uma maneira de falar diferente (MUNIZ, 2004, p.61).

Figura 4: Figurinos criados Por Marcelo Sommer com restos de tecidos das confecções



Fonte: www.bomretironamoda.com.br

Segundo Muniz, o estilista que realiza a criação de figurinos deve estar ciente de que trabalha constantemente sobre uma obra aberta, que está em constante processo de criação. Desta forma, o trabalho de criação de figurinos cênicos pelo estilista de moda deve levar em consideração possíveis modificações propostas pela equipe de criação durante o processo de elaboração da obra cênica, mantendo-se conectado aos encaminhamentos tomados pela equipe.

Como comenta o estilista francês e criador de figurinos Christian Lacroix a respeito do trabalho do figurinista, “você não é um caçador solitário, mas um homem de equipe” (LACROIX, 2009, p.14). Esse argumento esclarece a importância da criação aberta à participação de toda a equipe que faz parte do trabalho, a fim de evitar a incoerência de um figurino realizado separadamente que, desse modo, tem como possível consequência sua não adequação e fusão ao restante do trabalho realizado.

3. O figurino no espaço e os ecofigurinos

Os tipos de palco ou lugares onde são apresentadas as obras cênicas variam de acordo com a proposta do espetáculo. O figurinista deve ter em mente ao

desenvolver os figurinos, o tipo de local onde serão vestidos os trajes por ele criados, pois esta informação irá modificar o uso que esse profissional fará na escolha dos materiais para sua confecção, volumes, modelagens e detalhamentos nos trajes. A proximidade ou o distanciamento com o espectador será determinante nesta escolha, na qual pequenos detalhes de acabamento se perderão na visão do observador a longa distância, assim como mal acabamentos ou o uso de materiais que causam ruídos poderão comprometer a obra quando vistos de perto pelo público.

Na obra “Bom Retiro 958 metros”, a relação dos figurinos com o caos visual da rua e suas inúmeras informações desordenadas, deixa claro que as escolhas realizadas pelo estilista em sua criação, sofreram influências dos elementos que participavam do conjunto visual da cena observado pelo espectador. O direcionamento dado ao figurino neste sentido, poderá se diferenciar de acordo com as ideias do encenador, podendo funcionar como um elemento de fortalecimento da desordem ou como um elemento de organização visual e neutralidade dentro do espaço.

O espaço cênico por outro lado, será determinante também na escolha dos materiais para a confecção dos figurinos em decorrência da durabilidade e da manutenção dos trajes. Figurinos utilizados em ruas e locais urbanos abertos ou de grande movimento poderão sofrer desgastes maiores do que figurinos utilizados em salas fechadas mantidas mais limpas e climatizadas.

O cuidado com o acondicionamento destes trajes e sua reforma periódica sempre que necessária, a fim de consertar pequenos estragos causados durante as apresentações, irão garantir sua durabilidade por tempo maior e sua eficácia na leitura da obra.

Como observa Colautti (2012) para a revista eletrônica *Leaf* a respeito dos figurinos criados por Marcelo Sommer para o espetáculo “Bom Retiro 958 metros”, a parceria do grupo com o estilista surpreende pelo resultado final e os materiais empregados na construção do figurino (borracha, plástico, lã usada como cobertor por mendigos, sacos de lixo, etc.) que mostram sua versatilidade.

Na Figura 5 observa-se o croqui do figurino criado por Marcelo Sommer e o traje de cena confeccionado com materiais reutilizados.

O trabalho de criação dos trajes de cena realizado pelo estilista Marcelo Sommer para o espetáculo “Bom Retiro 958 metros”, demonstra por seu êxito que

figurinos de grande qualidade e expressividade podem ser criados com materiais de baixo ou nenhum custo por figurinistas ou outros criadores de trajes cênicos, desde que estas criações sejam realizadas com em conexão com a proposta do espetáculo e com as intenções do grupo teatral, sendo executados com criatividade e técnica.

Figura 5: Traje de cena criado por Marcelo Sommer e o croqui ao lado



Fonte: :<http://vejasp.abril.com.br>

O fortalecimento do enfoque da peça apresentada pelo Teatro da Vertigem por intermédio dos materiais, bem como, da escolha das formas e modelagens utilizadas na confecção dos figurinos feitos com materiais de refugo das empresas de confecção, promoveu a ampliação do olhar do espectador sobre a dramaturgia do espetáculo “Bom Retiro 958 metros” aprofundando ainda mais questões e reflexões relativas à peça.

Considerações Finais

O trabalho de criação de figurinos cênicos realizado pelo estilista Marcelo Sommer para a Companhia Teatro da Vertigem de São Paulo demonstra o êxito da

interação entre o teatro e o estilista no que diz respeito a criação de figurinos para a cena teatral contemporânea brasileira.

Por ser Sommer um estilista conectado com a produção de moda no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, por ele conviver continuamente com o consumo rápido dos produtos de moda baratos e de baixa qualidade, que são fabricados de maneira cruel e exploratória, fica claro que a escolha de seu nome para a execução dos figurinos do espetáculo “Bom Retiro 958 metros”, trouxe às suas criações dentro da obra, o aprofundamento necessário para a realização de seu trabalho junto a Companhia.

A reutilização de materiais descartados pelas empresas e agregados na confecção de figurinos cênicos, possibilita baixar o custo da produção teatral, no que diz respeito a verba destinada aos figurinos de um espetáculo, e propõe ao espectador da obra uma reavaliação pessoal quanto a sua própria produção de lixo, ao consumo responsável, ao reaproveitamento de materiais, visando a preservação do planeta e atitudes de responsabilidade socioambiental.

Por fim, este artigo se propõe a contribuir com o aumento na reutilização de materiais na produção cênica brasileira, trazendo questionamentos fundamentais junto a sociedade no que tange o respeito com o ser humano e com sua dignidade nas condições de vida e trabalho, assim como propõe atitudes mais conscientes na produção de menos poluição urbana.

Referências

BARSANELLI, Maria Luísa. Vertigem percorre o Bom Retiro. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www.canalaberto.com.br/index.asp?secao=clipping_ver&id=2/>. Acesso em: 08 jul. de 2014.

COLAUTTI, Brenda. **Figurino e comunicação**: A moda no espaço urbano. Revista Leaf, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaleaf.com.br/figurino-e-comunicacao-a-moda-no-espaco-urbano/7911/>>. Acesso em: 3 jun. 2014.

FERNANDEZ, Silvia. **Teatralidades contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LACROIX, Christian. **Christian Lacroix**: trajes de cena. São Paulo: Les Editions du Mécène, 2009.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os Nus**. Rio de Janeiro: Senac, 2004.

ROUBINE, Jean Jacques. **A linguagem da encenação teatral**. Tradução de Yan Michaslki. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

STUQUE, Jéssica. Colcha de retalhos. **Jornal da USP on-line**. n. 961, 2012. Disponível em: <http://www.canalaberto.com.br/index.asp?secao=clipping_ver&id=2/>. Acesso em: 08 jul. 2014.

PEREIRA, Elaine Muniz. <http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_bom_retiro.htm>. Acesso em: 30 abr. 2015.